



Protagonismo feminino e solidariedade na crise climática: a experiência do Banco Comunitário Cascata

SILVA, T. F, Caroline¹;
DUMERQUE, Anna²;
GILARDI, Catherine³;
GROSS, Kayan⁴;
ABREU T, Alessandra⁵;
SARRIA ICAZA, Ana Mercedes⁶.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Grupo Temático: GT 6 - Economia Solidária, Território, Políticas públicas e Controle social

Resumo

Este relato descreve a atuação do Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA) junto ao Banco Comunitário Cascata (BCC), situado no bairro Cascata, em Porto Alegre (RS), diante da enchente histórica de maio de 2024. A experiência teve como objetivo identificar as famílias afetadas, realizar um mapeamento socioeconômico da comunidade e prestar apoio na solicitação de auxílios emergenciais. As ações evidenciaram o protagonismo das mulheres na condução das práticas solidárias, seja na organização dos espaços, no cuidado coletivo ou na mobilização comunitária. Os resultados apontam que, para além da resposta emergencial, a experiência fortaleceu vínculos sociais e reafirmou o potencial da economia solidária como estratégia coletiva de resistência em contextos de crise.

Enchente; Comunidade; Mulheres; Economia Solidária.

Contexto

A experiência ocorreu no Banco Comunitário da Cascata (BCC), localizado no bairro Cascata, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, a partir das enchentes causadas pela crise climática em maio de 2024. A ação foi realizada pelo Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA), em parceria com a comunidade local, com o objetivo de apoiar o trabalho do Banco Comunitário Cascata no enfrentamento das realidades

¹ UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, carolinetoledofernandes@gmail.com

² UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, anna.dumerque@ufrgs.br

³ UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, cathegilardi@gmail.com

⁴ UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, querofalarcomkayan@gmail.com

⁵ UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, alessandratramontin57@gmail.com

⁶ UFRGS, Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, sarria.icaza@ufrgs.br



vivenciadas no território, identificar as famílias desabrigadas pelas enchentes que se alocaram temporariamente na comunidade, realizar um mapeamento socioeconômico da população local afetada pelas chuvas identificar suas consequências, assim como apoiar na solicitação de auxílios emergenciais e organizar o atendimento comunitário no BCC. A iniciativa contribui para o grupo temático “Economia Solidária, Território, Políticas Públicas e Controle Social” ao evidenciar como a economia solidária, articulada às especificidades territoriais e à participação social, pode fortalecer a atuação das lideranças comunitárias e ampliar a efetividade de políticas públicas em contextos de crise.

Descrição da Experiência

A experiência do Banco Comunitário da Cascata (BCC) insere-se no campo da economia solidária como uma prática concreta de fortalecimento territorial e de construção de alternativas econômicas que valorizam a autogestão, o controle social e a cooperação entre diferentes atores locais, propondo e avaliando iniciativas de maneira frequente. Ao articular finanças solidárias, moeda social e iniciativas comunitárias, o BCC demonstra como a economia solidária pode ser compreendida não apenas como objeto de política pública, mas também como instrumento de transformação social em territórios marcados por desigualdades.

O Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA) já vinha atuando junto ao BCC há mais de oito anos, mas, em 2024, diante da crise climática que atingiu o Rio Grande do Sul, essa parceria ganhou uma nova dimensão. A enchente histórica está relacionada, em grande parte, ao projeto político neoliberal presente no governo do Rio Grande do Sul, que sistematicamente executou um desmonte dos aparatos públicos capazes de atuar em ações preventivas, construir e executar políticas públicas eficazes e investir em estruturas capazes de reduzir os impactos de eventos extremos. Por isso, mesmo diante de perdas compartilhadas, é justamente essa articulação entre a comunidade acadêmica extensionista e a comunidade que aproxima a universidade da realidade social, trazendo mais empatia e compromisso para dentro do espaço acadêmico, contribuindo na formação de profissionais comprometidos com o interesse público.

Em meio ao cenário de enchentes, marcado por perdas e desespero, estudantes e comunidade se uniram em uma rede de solidariedade para apoiar os mais afetados. A atuação priorizou o atendimento a pessoas desabrigadas e seus abrigadores, organização do espaço comunitário e realização de um mapeamento para identificar as famílias em situação de vulnerabilidade no bairro Cascata. Para isso, aplicou-se aos desabrigados, abrigadores e voluntárias do BCC questionários socioeconômicos, assim como prestou-se assessoria na solicitação do auxílio emergencial destinado às vítimas das enchentes.

Esse processo, contudo, ultrapassou a dimensão técnica ou acadêmica. A vivência junto à comunidade possibilitou um contato profundo com as dores, as incertezas e as resistências dos moradores que, muitas vezes, abrigavam familiares e vizinhos que haviam perdido tudo. Nesse contexto, a experiência revelou não apenas o papel estratégico da economia solidária como resposta a crises sociais e ambientais, mas também a importância do engajamento estudantil e comunitário como prática de



construção coletiva e de fortalecimento de laços de solidariedade. O universo envolvido nesse processo abrangeu diferentes atores sociais: em especial famílias que perderam bens e moradias durante as enchentes, a comunidade do bairro Cascata, o Banco Comunitário Cascata, enquanto espaço de referência para acolhimento e organização solidária; e os professores, bolsistas e voluntárias do NEGA, que, a partir do vínculo acadêmico, colocaram-se ao lado da comunidade na construção de respostas imediatas e coletivas. Essa interação revelou não apenas a pertinência da economia solidária como estratégia de enfrentamento a crises socioambientais, mas também a relevância do engajamento estudantil em processos de desenvolvimento territorial.

Mais do que uma ação emergencial, a experiência mostrou-se um aprendizado coletivo sobre como a solidariedade, quando articulada com práticas de gestão participativa e políticas de base comunitária, pode se transformar em instrumento potente de resistência, reconstrução e fortalecimento social. Como aponta Cunha (2018), a gestão participativa não se limita a instâncias formais de deliberação, mas se realiza de modo efetivo quando a comunidade é envolvida na definição de prioridades e no enfrentamento de suas próprias demandas, exatamente como ocorreu na mobilização conjunta entre moradores, estudantes e o BCC durante a crise.

Um ponto central da experiência é a forte presença das mulheres na economia solidária, nos movimentos de luta pela melhoria da qualidade de vida, e ambientes de coletividade. Em muitos desses espaços, quem está à frente das iniciativas são, majoritariamente, mulheres. Isso pode ser observado na experiência do Banco Comunitário Cascata, onde praticamente todas as voluntárias, desabrigadas e extensionistas eram mulheres. Esse relato corrobora com os dados do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) que diz que 70% da força de trabalho da Economia Solidária no mundo é formada por mulheres. (Agência Gov, 2025)

A participação de homens era bastante reduzida, muitas vezes motivada pelo apoio às suas companheiras, como relatou Rafael, em uma conversa: ele decidiu contribuir porque sua companheira já estava envolvida no BCC e queria apoiá-la. Por outro lado, muitas mulheres relataram que encontravam no trabalho comunitário no banco um espaço de acolhimento, em que podiam estar com os filhos, colaborar com a comunidade e ainda se sentiam úteis, o que durante um momento de crise, contribui para um melhor estado de saúde mental. Icaza e Farias (2021) ressaltam como o papel feminino nas tarefas de cuidado as fazem permanecer no território e se coletivizar para geração de trabalho e renda e ainda conseguem conciliar com suas responsabilidades pessoais.

Esse exemplo evidencia que, em territórios como o bairro Cascata, são as mulheres que assumem o protagonismo diante de momentos emergenciais. Foram mulheres as que se reuniram para preparar marmitas, arrecadar recursos, organizar doações para ajudar famílias desabrigadas, assim como as que buscaram o BCC para solicitar auxílio para suas famílias, evidenciando que o trabalho de cuidado, não só da própria família, mas também de toda uma comunidade, é exercido por mulheres. A resistência, força e vontade de transformação presentes nestas voluntárias são elementos centrais para a construção de uma sociedade mais inclusiva, solidária, pautada na justiça social e na busca por uma vida digna para os povos historicamente desfavorecidos.



Contudo, ainda que majoritariamente positiva, a experiência não passou sem percalços. A dificuldade de comunicação entre as voluntárias foi uma questão que centralizou grande parte dos problemas vivenciados. Discórdias entre as voluntárias, seja por questões ocorridas durante as atividades ou por questões passadas, fizeram com que a permanência das integrantes e a integração de mais pessoas da comunidade ao BCC fosse dificultada. A permanência das voluntárias que atuaram durante as enchentes também caiu devido à volta das pessoas abrigadas aos seus locais de origem e a retomada das atividades rotineiras das moradoras do bairro, que com isso não queriam se comprometer com uma atividade voluntária que somasse aos seus compromissos. Isso fez com que a perpetuação de atividades já existentes e a implementação de novas, assim como a execução de algumas tarefas cotidianas, fosse impossibilitada, visto que ainda que as demandas e intenções de atuação aumentassem, a equipe do BCC não acompanhava o crescimento.

Como destaca Paul Singer (2002), a economia solidária não se limita a uma forma alternativa de produção e consumo, mas é também um projeto social e político, fundamentado em valores de cooperação, igualdade e justiça, que se fortalecem justamente a partir do protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados, como as mulheres. Na mesma direção, Coraggio (2000) afirma que a economia solidária emerge como uma prática que combina sobrevivência, emancipação e cidadania ativa, ao transformar relações sociais em espaços de resistência e criação de novas formas de sociabilidade.

Resultados

Os objetivos do projeto foram majoritariamente cumpridos. A partir dos dados encontrados no questionário socioeconômico conseguiu-se mapear as necessidades da comunidade, traçar o perfil dos moradores, entender e registrar quem e por quem foram os acolhidos no bairro. Conseguiu-se também, a partir dessa experiência, escrever relatos, resumos expandidos e um artigo, ainda em construção, que foram e serão apresentados em encontros, congressos e salões. Produziu-se também uma entrevista, disponível no YouTube (NEGA, 2024), com três voluntárias, sendo duas delas membros do conselho do BCC.

Ademais, foi possível colaborar com a solicitação dos auxílios emergenciais para os desabrigados e fortalecer a atuação do NEGA no Banco Comunitário Cascata, visto que a equipe do Núcleo que foi expandida para as ações emergenciais, se manteve atuante após o fim das necessidades causadas pela crise. O projeto cumpriu com seu objetivo de apoiar o BCC, realizando as ações propostas. Além disso, os dados levantados foram utilizados pelo Banco Comunitário Cascata para sua tomada de decisões e permanecerem com um registro importante para o fortalecimento de sua atuação com a comunidade, principalmente a partir da rede de voluntários.

Considerações Finais

A experiência foi de suma importância para o aprendizado das bolsistas que puderam compreender melhor as dificuldades de atuação comunitária e as semelhanças e



diferenças entre o que é aprendido na universidade e a aplicação na comunidade. Pode-se também experienciar os três pilares da universidade; ensino, extensão e pesquisa; plenamente, visto que utilizou-se dos conteúdos aprendidos na sala de aula para solucionar demandas do projeto, houve troca de conhecimentos e atuação na comunidade e ainda a pesquisa, tanto com o questionário e processamento de dados do início do projeto quanto com os materiais feitos a partir da experiência.

Todos esses materiais servem para registrar a experiência da extensão e a partir da pesquisa contribuir para a continuidade da atuação do NEGA no BCC que perpetua-se atualmente com a implementação da moeda social no bairro, que aconteceu em abril de 2025 e foi possível também em função da forte atuação comunitária do BCC no período da enchente histórica, visto que parte da verba utilizada para a implementação da moeda foi proveniente de uma ação emergencial da ONG Moradia e Cidadania.

Entretanto, alguns desafios surgiram durante processo, tais quais as dificuldades de comunicação entre as voluntárias, que atrapalhavam permanência e participação de integrantes, o que corroborou com o segundo problema: poucas pessoas do Banco para executar muitas atividades, o que fez com que muitos planos, idéias e demandas não pudessem ser executados, ou teriam que ser mantidos exclusivamente pelas bolsistas, o que contraria os princípios da extensão de apropriação das atividades pela comunidade.

Apesar das dificuldades encontradas na atuação na Economia Solidária, essa é uma forma de organização social de grande potencial transformador na realidade das comunidades periféricas como a do bairro Cascata. O Banco Comunitário Cascata é um ator muito importante na articulação e organização coletiva de mulheres, em lutas políticas, grupos de geração de trabalho e renda, atividades educacionais e espaço de sociabilidade. Esses são pontos que se tornam ainda mais essenciais em momentos de emergência climática, como a vivida em maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

Referências

AGÊNCIA GOV. Mulheres são 70 % da força de trabalho na economia solidária mundial, diz Gilberto Carvalho. Brasília, 7 mar. 2025. Disponível em:

<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202503/mulheres-70-forca-trabalho-economia-solidaria-mundial>. Acesso em: 21 ago. 2025.

CORAGGIO, José Luis. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 201-233.

CUNHA, Eleonora. Gestão participativa e desenvolvimento local: desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO ALTERNATIVA. Memórias da Enchente: entrevista com as voluntárias do Banco Comunitário Cascata. 2024. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9-AaDtp-5j0&t=9s>. Acesso em: 22 ago. 2025.

**VII CONGRESSO DA
REDE DE ITCPS 2025**

ECONOMIA SOLIDÁRIA

**EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO
E CRISE CLIMÁTICA:
DESAFIOS PARA AS ITCPS**

05 a 08 de Novembro

**Universidade Federal
de São Carlos / SP**



SARRIA ICAZA, Ana Mercedes, e FARIAS, Luisa Nunes. Bancos comunitários e economia popular nas periferias urbanas: caminhos de interpretação e de resignificação. São Leopoldo, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/1266/1059> . Acesso em agosto de 2025.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.